



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16854 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

**O TRABALHO COM A ALFABETIZAÇÃO EM UM 2º ANO DE UMA ESCOLA RURAL NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: ALGUMAS REFLEXÕES**

Karine Maria Heidemann - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Milena Moretto - USF - Universidade de São Francisco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**O TRABALHO COM A ALFABETIZAÇÃO EM UM 2º ANO DE UMA ESCOLA RURAL NO CONTEXTO PÓS-PANDÊMICO: ALGUMAS REFLEXÕES**

O presente trabalho é um recorte da tese de doutoramento em andamento, que visa compreender o processo de apropriação da leitura e da escrita de crianças de um 2º ano do ensino fundamental de uma escola rural. Esta pesquisa é realizada com uma turma de alfabetização composta por 8 alunos, sendo 7 meninas e 1 menino, localizada em uma região rural longínqua ao centro urbano e as áreas culturais e sociais do município. A turma em questão foi profundamente impactada pelo período pandêmico, passando dois anos afastada do ambiente escolar. Em 2020, as aulas foram conduzidas exclusivamente online ou por meio de entrega quinzenais de atividades xerografadas. Somente a partir de maio de 2021, os alunos puderam retomar à escola em sistema de rodízio e escalonamento respeitando as regras de higiene determinadas pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O afastamento prolongado causou um grande prejuízo à turma que, por sua vez, não completou a educação infantil e tão pouco o primeiro ano do ensino fundamental. Data o ano de 2022 como oficialmente o retorno efetivo das crianças à rotina escolar e, coincidentemente também, da realização da presente pesquisa. No que tange ao método da pesquisa, esta é de caráter qualitativo ancorada na perspectiva histórico-cultural (Vigotski, 1984; 1994) e na análise

microgenética (Góes, 2000). Utiliza-se como instrumento de investigação observações, áudio-gravações, transcrições em diário de campo do tempo de observação das aulas realizadas e também a proposta de uma sequência de atividades previamente planejadas com autorização da professora da sala. Acompanhamos a turma durante, aproximadamente um ano e, vivenciamos, ao contrário do que acreditamos, uma prática totalmente associada a uma concepção fônica de alfabetização. Dois exemplos são destacados: um primeiro em que os alunos precisavam fazer a separação silábica e, em seguida, fazer a contagem do número de sons de cada palavra proposta; e uma segunda, na qual, os alunos deveriam ligar o nome do objeto à figura correspondente. Observamos que ambas preposições, são palavras, figuras ou objetos superficiais ao contexto social dos alunos. Notamos ainda que tais atividades não objetivam que os alunos se apropriem do processo significativo de alfabetização e sim de funções mecânicas e repetitivas. Destarte, não há qualquer indício de uma contextualização que torne esses exercícios algo palpável e concreto para essa turma. Dentro da concepção da perspectiva histórico-cultural, a qual estamos nos referenciando tais atividades não perpassam o real, isto é, não tem significação histórica, social e cultural para as crianças. Ao contrário, tais atividades que até então foram proporcionadas aos alunos, caminharam totalmente em um modelo de alfabetização fonética, ou seja, uma forma de correspondências grafofônicas, que tem como princípio a relação entre fonema e grafema, isto é, entre o som que se fala e que se escreve. Para este método, deve-se iniciar pelas vogais e em seguida as consoantes, compreendendo que cada letra é aprendida junto a um som (grafema + fonema), que em conjugação formam sílabas e palavras. De acordo Moutinho (2021), a escrita pautada no sistema fônico, é, pois, considerado desarticulado da realidade das crianças, parte-se de realizar a vocalização de palavras que não necessariamente integram o repertório dos alunos. Em suas palavras, estas atividades geralmente “partem dos valores sonoros que constam no quadro fonológico do português brasileiro e, geralmente, envolvem textos escritos para este fim ou frases e palavras descontextualizadas”. (Moutinho, 2021, p. 260, 278). Este modelo caminha totalmente na contramão do que estamos defendendo no respectivo trabalho, pois, segundo Mortatti (2008), não traz novas contribuições à educação, sendo nada mais que um retrocesso a marcha sintética. Podemos inferir isto que as atividades que eram propostas aos alunos, de um lado estavam vinculadas à concepção de alfabetização da professora e, por outro lado, ao momento histórico e político que o país perpassava, na qual, a concepção de ensino e leitura era pautada no método da consciência fonológica. Assim, mesmo que de maneira provisória, nossos resultados nos levam a perceber que tais atividades não são significativas para os alunos, tornando o processo de aprendizagem algo muito desvinculado e fora do contexto social.

**PALAVRAS-CHAVE:** Método fônico; Alfabetização; Formação

## REFERÊNCIAS

GÓES, M. C. R. de. A abordagem microgenética na matriz histórico-cultural: Uma perspectiva para o estudo da constituição da subjetividade. **Cadernos Cedes**, ano XX, nº 50, Abril/2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/3HggZgZCCZHZD85MvqSNWtn/?lang=pt> . Acesso em: 12 de agosto de 2024.

MORTATTI, M. R. L. A “querela dos métodos” de alfabetização no Brasil: contribuições para metodizar o debate. **Revista Acolhendo a alfabetização nos países de Língua Portuguesa**, São Paulo, n.5, p.91-114, 2008. Disponível em: [www.acoalfaplp.net](http://www.acoalfaplp.net). Acesso em: 23 jun. 2023.

MOUTINHO, Isabela. O método fônico e a consciência fonológica: soluções ou dispositivos de patologização? in **Linguagem, Cognição e Ensino**, Editora da Abralín, Campinas, 2021.

VYGOTSKY, L.S. **Formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

\_\_\_\_\_, L. S. The Problem of the environment. In: R. van der Veer & J. Valsiner (Eds.). **The Vygotsky Reader**. Cambridge, M. A.: Backweell, 1994, p.338-354.